

Masculino: Mito e declínio

Masculine: myth and decline

Lise Mary Soares Souza, Henrique Figueiredo Carneiro

Resumo

O presente artigo apresenta alguns recortes do cenário onde se inscrevem as concepções sobre o masculino, os mitos que foram erguidos à sua volta, trazendo para a cena reflexiva os pilares que constituem o masculino como categoria construída pelos sujeitos nas relações que estabelecem entre si, influenciados pelos aspectos sociais, políticos, econômicos e ideológicos próprios de cada época. Tais pilares influenciam na constituição da subjetividade dando à trajetória humana a sua singularidade, de acordo com a história de vida, as memórias e a constituição psíquica dos sujeitos. Traz ainda algumas considerações de autores que acreditam que o masculino encontra-se em declínio na contemporaneidade e que apontam as modificações que ocorrem nesse cenário, fruto dos avanços tecnológicos, do movimento feminista, do enfraquecimento da cultura patriarcal, dentre outras e, conseqüentemente, das novas representações atribuídas ao homem que desestabilizaram o modelo masculino tradicional e impuseram a necessidade de sua revisão.

Palavras-chave

Masculinidade; masculino; mito; psicanálise.

Abstract

The present article presents some clippings of the scene where inscribes the conceptions on the masculine, the myths that had been raised around it, bringing to reflection the pillars that constitute the masculine as category constructed by the subjects in the relations established between themselves, influenced by socials, politicians, economics and ideologicals aspects of each time. Such pillars influence the subjectivity's constitutions giving to the human trajectory its singularity, in accordance with the history of life, the memories and the psychic constitution of the subjects. It still brings some authors's considerations who believe that the masculine is declining in the contemporaneity and they point the modifications that occur in this scene, fruit of the technological advances, the movement feminist, the weakness of the patriarchal culture, and, consequently, of the new representations attributed to the man that disestablish the traditional masculine model and had imposed the necessity of its revision.

Keywords

Masculinity; masculine; myth; psychoanalysis.

Lise Mary Soares Souza

Universidade Estadual do Ceará

Psicóloga. Psicodramatista pela Associação Brasileira de Sociodrama e Psicodrama. Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

limary@uol.com.br

Henrique Figueiredo Carneiro

Universidade de Pernambuco

Doutor em Psicologia - Fundamentos y Desarrollos Psicoanalíticos - pela Universidad Pontificia Comillas Madrid. Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco.

henrique.carneiro@upe.br

O Masculino e seus Mitos

Em uma primeira acepção, a palavra mito segundo Brugger (1977) significa narração, lenda dos tempos passados sobre deuses e heróis; imagem ou alegoria que traduz relações existentes no universo ou na vida. Mito relaciona-se às narrativas que foram pilares das sociedades chamadas de arcaicas. A oposição do mito à verdade está presente no senso comum e na filosofia clássica. Na filosofia clássica o mito opunha-se ao logos, ao discurso filosófico racional, considerado verdadeiro. Com isso racionalizou e laicizou a narrativa mítica procurando superá-la.

Numa segunda acepção o mito é considerado como dotado de igual valor e possuir uma lógica própria, uma forma de fazer filosófico, segundo Souza (2009). Em uma terceira concepção, fundamentada em Fraser e Malinowisk, o mito tem a função de dar continuidade à cultura, intimamente ligada à natureza da tradição e a atitude humana em relação ao passado, sendo indispensável a qualquer cultura.

Desde os seus primórdios, a psicanálise trabalhou no sentido de colocar a oposição dicotômica mito/verdade em xeque. Considera o mito como uma fonte singular de reflexão e fascínio, sendo muito utilizado na construção de seu arcabouço teórico. A relação da Psicanálise com a mitologia está justamente no fato de ambos se interessarem pelas origens e pelos primórdios do humano.

Situando o mito na confluência do contínuo e descontínuo e superando a dicotomia universal x particular, a psicanálise considera o mito como uma linguagem que se funda na coexistência de opostos, em cuja esfera gravitam questões similares das estórias ao redor do mundo em tempos variados, relativas à origem, ao sujeito, ao mundo e ao sujeito no mundo. Dessas questões se ocupa a psicanálise. Segundo Azevedo (2004, p. 18), “O mito põe na cena da palavra, da linguagem, muito do que a psicanálise vai mais tarde explicar, a partir da lógica do inconsciente, tanto em sua teoria quanto em sua prática clínica”. Para a autora, os mitos não podem ser considerados como modelos fixos, explicativos e definitivos de questões históricas e culturais que surgem na e pela linguagem e perfazem o humano em suas ambíguas significações. Ao contrário, os mitos fundam-se no paradoxo, na coabitação de opostos e na repetição.

Souza (2009, p. 199) acrescenta que Lacan define o mito como

uma organização do imaginário, que, por meio da palavra, tenta exprimir a verdade, não podendo, contudo, apreendê-la toda e, assim, constrói um discurso imaginário sobre a mesma, que é o próprio mito. O mito, portanto seria uma expressão imaginária das relações fundamentais características do modo de ser humano em uma determinada época. Ele é um legado cultural e social, mas que se inscreve individualmente e contempla, ao mesmo tempo, um aspecto coletivo e singular, pondo em destaque os paradoxos da subjetividade situada e construída na fronteira entre o eu e outro.

No pensamento lacaniano, a verdade não pode ser toda dita ou conhecida. O mito revelará portanto, a impossibilidade da verdade, indicando ao mesmo tempo o seu lugar. Pontua que a verdade se encontra velada no próprio mito como aquilo que está por trás da ficção, agregada a ela. Se, para Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem por meio da ação significativa e se o mito é um significativo, o inconsciente se estrutura numa dimensão mítica. O mito constitui-se num saber que nos atravessa sem que o saibamos.

Considerando que a função do mito é dizer o indizível e ao ser a linguagem literária por excelência, o discurso mito-poético que proporciona o resgate necessário à fala do inconsciente, serão aqui citados alguns fragmentos desses discursos, contextualizando-os à trajetória histórica sobre os modos de ver o masculino na sociedade ocidental.

Fernando Pessoa, em seu Poema Ulysses, publicado no livro Mensagens em 1934, bem expressa esse paradoxo:

O mito é o nada que é tudo.
 O mesmo sol que abre os céus
 É um mito brilhante e mudo -
 O corpo morto de Deus,
 Vivo e desnudo.
 Este, que aqui aportou,
 Foi por não ser existindo.
 Sem existir nos bastou.
 Por não ter vindo foi vindo
 E nos criou.
 Assim a lenda se escorre
 A entrar na realidade.
 E a fecundá-la decorre.
 Embaixo, a vida, metade
 De nada, morre. (PESSOA, 1997, p. 21)

Afirmando e negando o que afirma simultaneamente, o poema fala de uma coisa exatamente idêntica ao seu contrário. Fere a máxima de que uma coisa é igual a si mesma. De acordo com o poema, para aqueles que acreditam no mito, ele é brilhante e, ao mesmo tempo, não diz nada àqueles que não sabem ouvir o que ele tem a dizer.

“Este”, para Pessoa, refere-se à lenda de que Ulysses é considerado o fundador de Lisboa. Observa-se aí a referência ao mito como invencionice, mas que para os portugueses tem o seu sentido como da ordem da representação simbólica.

Os mitos, para a psicanálise, segundo Azevedo (2004), não são estórias que se mantêm inalteradas, independentemente de sua ordenação verbal ou estruturação discursiva. O mito não diz respeito apenas à ordem do significado, mas fundamentalmente a como esse significado é construído, dentro de uma lógica que preside a articulação significante. Aborda-se aqui essa compreensão do mito, para a análise dos mitos sobre o masculino.

Segundo Nolasco (1993), a representação masculina ao longo do tempo, evocou imagens míticas de deuses ou de heróis que revelaram valores e padrões de relacionamento de uma determinada cultura. O autor afirma que cada época parece formar um tipo de homem, e mitos correspondentes, mostrando que a construção masculina é articulada a uma coletividade e a visões de mundo, crenças e valores de uma determinada época. Na trajetória histórica da civilização humana, representações fálicas se fizeram presentes e durante muito tempo, foram atribuídos aos homens a vigilância, a preservação e propagação de tais representações. Vários mitos também se apresentaram como ícones nas caracterizações do que é o masculino.

Na Grécia antiga, os heróis gregos apresentados na constituição do masculino referem-se aos mitos de Aquiles, Ulisses, Hercules, Teseu, dentre outros, cujos atributos que os identificam são a força, o poder, a coragem, a

astúcia e a inteligência, excluindo-se o medo, a inveja e a raiva. Observa-se na Teogonia de Hesíodo o poder do masculino como força fecundante, expresso no mito da constituição do universo:

Num universo ainda informe, prevalece a força fecundante do Céu, que, ávido de amor e com inesgotável desejo de cópula, frequenta como macho a Terra de amplo seio. Nesta fase original, o Céu desempenha as mesmas funções que, enquanto Céu, sempre terá: 1) cobrir toda a Terra ao redor, e 2) ser para os Deuses venturosos assento sempre seguro (cf. vv. 127-8). Cobrir a Terra e fecundá-la hierogamicamente através da chuva-sêmen; ser o assento dos Deuses é dar-lhes origem e fundamento, fundar-lhes a existência (TORRANO, 1995, p.43).

Força fecundante, desejo inesgotável de cópula, proteção e segurança fazem parte dos pré-requisitos estipulados pela cultura para o exercício do papel masculino. Tal mito reatualiza o elemento organizador da sexualidade masculina que, longe de ser o órgão sexual masculino, constrói-se sobre a sua representação. Um exemplo dessa constituição organizadora é o drama do mito de Osíris, que conta a estória da ressurreição desse deus, morto e esquartejado em treze partes por Seth, seu invejoso irmão. Quando Ísis, sua esposa soube do ocorrido, partiu à procura do corpo, encontrando cada parte, menos uma, o pênis. Osíris confeccionou um falo de ouro para o amado e conseguiu trazê-lo de volta à vida. O mito de Osíris explicita o falo como símbolo da força e do poder.

Caminhando um pouco mais na história, segundo Oliveira (2004) para um nobre da idade média, o ideal de masculinidade estava ligado ao comportamento que mantivesse os valores cruciais de lealdade, probidade, correção, bravura, sobriedade e perseverança. A honra era expressão de poder e da qualidade da estirpe aristocrática. O ideal da masculinidade girava, além disso, em torno da coragem e ousadia, implicando muitas vezes no cavaleiro tornar-se casto. A ênfase na bravura e no destemor passará paulatinamente para o enfoque no autocontrole, na firmeza e na contenção.

O mito de Parsifal esteve presente nos séculos XII, XIII e XIV e representou o herói medieval, na época do legendário Rei Artur. Parsifal é um dos vinte e quatro cavaleiros que vão à busca do cálice sagrado, o santo graal. Fernandes (2004, p. 6) assim define a trajetória do herói:

Num primeiro momento, Parcifal aprendeu as regras da cortesia e da cavalaria, igualando-se aos melhores cavaleiros de Artur; a cena da procissão do Graal, no entanto, esclarece que isso ainda não era suficiente. Em seguida, a iniciação de Parcifal foi completada pela experiência religiosa, de forma que o cavaleiro pôde descobrir definitivamente qual era a sua identidade e missão — missão esta que não se resolvia no plano das realizações militares ou amorosas, mas sim numa busca espiritual.

O mito da cavalaria ressalta a honra, a glória e a reputação como valores levados ao nível da paixão. Ribeiro (2009, p. 116) ressalta que na idade média, “(...) para um homem parecer honesto, convém ser honesto”. Tal afirmação demonstra que a paixão era pela honradez e estava centrada na firmeza da palavra.

O surgimento do renascimento implicou na idéia do antropocentrismo, passando a focar a questão da existência do homem e da sua responsabilidade sobre ela. O individualismo, opondo-se ao mundo tradicional, vai mostrar Dom Quixote como o mito seminal dessa idéia. O herói apresenta-se como coxo, manco, alucinado e pertencente a um mundo onde obrigatoriamente o homem tem que passar a olhar para dentro de si mesmo. Conforme assinala Oliveira (2011, p. 17),

Há em *Dom Quixote de La Mancha* toda essa situação de ruptura, que ali ascende e que é um sinal de que o mundo está mudando. A separação que pode ser vista a partir da visão de mundo antigo, idealizado e divinizado, empreendida pelo personagem Dom Quixote, por exemplo, se contrapõe à maneira pela qual o seu parceiro, Sancho Pança, o percebe, agora em sua forma real e passiva de irrealizações e inacabamentos. São duas visões conflituosas, relatadas em um mesmo mundo – o de *Dom Quixote de La Mancha* –, que denunciam que outra forma de ver a vida, está tomando espaço naquele novo tempo, que passa a se chamar de – moderno.

Dom Quixote é um romance de ruptura que marca a transição do mundo antigo para o mundo moderno. As categorias da modernidade implicaram, num primeiro momento, em conhecer a mecânica das coisas. Grandeza, figura geométrica, movimentos determinados, leis de causa e efeito são o foco da análise sobre o mundo e as coisas. O raciocínio do homem moderno, na verdade é também a lógica do projeto civilizatório da modernidade. Segundo Foucault (1979), a primeira coisa a ordenar dentro dessa perspectiva é a própria faculdade de conhecer. Conhecer é estabelecer um nexos causal entre os seres. A medida oferece o critério e a ordem.

Para Nolasco (1993), a masculinidade se expressa como um mito efetivo da sociedade moderna. Há uma imbricação entre o ideal moderno de masculinidade e os ideais societários do ocidente, tais como os dos revolucionários franceses, os dos ideais burgueses e o contraste entre o modelo de homem moderno e o medieval. De fato, é na virada do século XIX para o século XX que os ideais medievais de bravura passaram a incorporar as características do soldado devotado e heroico. Militarização e nacionalismo estavam interligados os ideais típicos da masculinidade. A masculinidade estava vinculada ao sacrifício e a serviço de uma causa.

O ideal moderno da masculinidade, amplamente apoiado pelo cristianismo, transforma-se, segundo Oliveira (2004), em um baluarte contra a decadência e a degeneração dos costumes. Metamorfoseia-se em símbolo de um ideal de permanência, que mantinha a vida social, a família e todas as tradições contra a loucura e o ritmo infernal das mudanças típicas da sociedade industrial.

A apropriação da mentalidade patriarcal pela Igreja, explorando as relações de dominação que caracterizavam o encontro entre os sexos, evidenciou-se, por exemplo, de forma muito clara no Brasil, desde o período colonial. Para Prioste (2012) as relações de poder estabeleceram-se na intimidade dos casais, em que os maridos condenavam suas esposas a serem escravas domésticas obedientes e submissas.

Considerou-se, durante muito tempo, que os homens eram o sexo forte, detentores do falo, cuja virilidade requereria provações, colocando a questão da diferença sexual partindo da anatomia para uma proporção imaginária. Ser homem significava ser assertivo no trabalho, ter a última palavra sobre as coisas, ser forte, com boa performance sexual etc. Walt Whitman, poeta, ensaísta e jornalista norte-americano, considerado o grande poeta da Revolução americana, escreveu em 1856 o seguinte poema, intitulado O Macho:

O macho não é menos a alma,
nem é mais:
ele também está no seu lugar,
ele também é todo qualidades,
é ação e força,
nele se encontra
o fluxo do universo conhecido,

fica-lhe bem o desdém,
ficam-lhe bem os apetites e a ousadia,
o maior entusiasmo e as mais profundas paixões
ficam-lhe bem: o orgulho cabe a ele,
orgulho de homem à potência máxima
é calmante e excelente para a alma,
fica-lhe bem o saber e ele o aprecia sempre,
tudo ele chama à experiência própria,
qualquer que seja o terreno,
quaisquer que sejam o mar e o vento,
no fim é aqui que ele faz a sondagem.
(WHITMAN, 2005, s/p)

A era moderna compra essa ideia, e a partir daí, o homem deixa de imaginar a sua própria construção do que é ser homem e coloca sobre a sua própria experiência o padrão estipulado pela sociedade vigente. Nessa perspectiva, como revela Badinter (1993), dever e provas são palavras que evocam uma tarefa real a cumprir para tornar-se homem. Instalou-se a idéia de que o homem deve ser definido como um ser humano privilegiado, forte, criativo e racional. Como afirma Nolasco (1993, p. 40),

O estereotipo do macho busca fazer crer que um homem se faz por sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar.

A ordem simbólica do masculino exigiu, portanto, que os homens não chorassem e, para oferecer uma posição simbólica masculina, foi necessário que as imagens citadas por Badinter (1993) amparassem essa ordem. O processo de socialização dos homens envolveu o aprendizado do silenciar diante do sofrimento, do prazer e da fantasia. Sustentar a posição masculina no campo da virilidade se exemplificou com a defesa da forma fálica de um nome, o nome de uma linhagem.

A sustentação da virilidade, ao longo da história, deu muito trabalho aos homens. A provação desse vigor estaria então relacionada com a passagem do homem pela castração e a sua sobrevivência a ela. Jerusalinsky (2006, p. 33-34) assim expressa tal concepção:

O que é a virilidade? A virilidade prefiro defini-la nesses termos: viril é o homem que atravessou o campo da castração e retornou incólume, inteiro. Viril é aquilo que representa o ao menos um que escapou à castração, tendo passado por ela.

Esta é a virilidade tal como experimenta Ulysses, na busca por retornar à ilha rochosa de Ítaca, onde Penélope o espera entretendo-se na arte de tecer. Na sua trajetória, desde o fim da guerra de Tróia até seu retorno à Ítaca, observa-se um Ulisses profundamente atormentado por todos os percalços humanos.

Outro exemplo se observa na antiguidade clássica, quando toda a família esperava pela irrupção da virilidade. O rapaz na puberdade espera, junto com a família, as primeiras manifestações da sua maturidade sexual. Havia uma festa unicamente consagrada a seu corpo. Segundo Rousselle (1984, p. 72), "(...) a constatação da virilidade do rapaz é feita na alegria, e o pai deverá certificar essa virilidade quando o filho se casar: certificado de

não impotência? O jovem, quando dessas primeiras manifestações de maturidade sexual, torna-se objeto de novos cuidados”.

As experiências de exercício desse poder, no entanto, cobraram seu preço sacrificial. O homem desce ao inferno de Hades¹ e precisa voltar inteiro e sem chorar. Segundo Jerusalinsk (2006) precisa, portanto, voltar vivo do campo da castração.

Os avatares da masculinidade sofrem alguns abalos na entrada do século XIX para o século XX, principalmente nas cidades, uma vez que o modo de vida burguês que passa a se consolidar oferece aos chefes de família o conforto e as vantagens da vida doméstica.

A partir do século XX se registra a separação, o divórcio entre a anatomia e a condição fálica. O falo passa a assumir múltiplas formas de representação. A mulher assume cada vez mais novos papéis na sociedade.

Do ponto de vista dos mitos, a figura do herói fica corrompida no século XX e XXI. Antes o sujeito era levado pela idéia de olhar para o herói, cujos protótipos eram as figuras do mundo familiar agora a questão é deslocada para o corpo: o ideal é ser olhado pelo herói. Hoje o outro está sempre nos olhando, o outro nos faz.

O Declínio do Masculino

Alguns autores consideram que hoje se vive uma crise do masculino. Nolasco (1993) é um deles, que acredita que tal crise tem precedentes. Fruto de outras crises masculinas do passado nasce, segundo ele, nos países de civilização refinada; expressa necessidades de mudança nos valores dominantes; decorre das transformações ideológicas, econômicas e sociais e repercute na família e no trabalho.

Questionamentos sobre o significado do que é ser homem na contemporaneidade entraram na ordem do dia das reflexões. Segundo Silva (2010), tem-se questionado o verdadeiro significado do que é ser homem nos dias atuais. Para o autor, as demandas impostas pela cultura definem características, comportamentos e papéis para o sexo masculino, estabelecendo um padrão a ser seguido como molde, mas de difícil adequação ao cotidiano dos homens e mulheres na sociedade contemporânea qual estimula o sujeito a tratar suas neuroses através de uma perspectiva que busca o seu apagamento. Tal sociedade cria sujeitos deprimidos, ávidos de normalização farmacológica, e encena uma padronização de comportamentos e crenças que visam garantir certos tipos de atitudes previsíveis diante de pretensos padrões. Num mundo com características e valores utilitários, assiste-se à crença nas fórmulas químicas, funções cerebrais e respostas biológicas, muito mais do que no manejo das relações regidas pela linguagem.

O fato é que, na contemporaneidade, o novo homem parece cair na inexorável perspectiva de ter que assumir quase que obrigatoriamente, certa fragilidade diante das relações entre os dois sexos. O afrouxamento da cultura patriarcal, a transitoriedade das representações atribuídas ao falo, a preocupação com a manutenção da virilidade e a constituição da identidade são aspectos que imputam ao masculino grande cota de sofrimento.

Além disso, como ressalta Breton (2004), o homem da atualidade é julgado pela sua aparência e alvo do marco dos cosméticos. O corpo masculino não é mais um pormenor no contexto de uma sedução ou situado em outra dimensão relativa às suas atitudes diante da vida e do trabalho. O homem é antes de tudo, o seu corpo. Os imperativos da aparência atingem o homem da contemporaneidade, desejoso por ostentar a capacidade plena de sedução, através da forma física de um corpo escultural, como se pudesse

1

Na mitologia grega Hades é o Deus do mundo inferior e dos mortos.

cunhar a sua virilidade. Cuidados capilares, retoques às rugas, dietas alimentares, ginástica em academias, mostram a insuficiência do corpo. Normas de virilidade hoje estão em crise. O corpo parece ser uma segunda pele, uma carroceria com a qual se sente confortável. Exibir-se é a questão.

Aprisionado na exigência de corresponder aos ideais de alto desempenho, de potência e de sucesso, o homem padece e não pode reconhecer em si os efeitos devastadores de tal condição de submissão. O sujeito encontra-se num impasse contemporâneo: ter que se fazer por si e, ao mesmo tempo, buscar obter algum reconhecimento do outro para ser um sujeito.

Dessal (2009, p. 2) comenta o seu olhar sobre o masculino na contemporaneidade:

Os homens são cada vez mais censurados por praticar a sua masculinidade, sendo simultaneamente recriminados por não querer exercê-la. Encurralados, ambos os sexos, nesse paradoxo, os homens se movimentam na incerteza de não saber mais como ser, enquanto as mulheres tentam resolver uma equação que tem se tornado para elas a quadratura do círculo: conseguir que o gatinho que agora esfrega a louça e passa a roupa, continue sendo um tigre na cama.

De acordo com a citação, a crença de um homem investido dos imperativos do “eu posso”, “eu faço”, “eu vou”, não aconteceu. O homem da atualidade é um gênero sem identidade clara. Antes se respaldava numa hegemonia que agora está abalada. É um gênero “em devir”, em estado de errância, sendo obrigado a sair de si mesmo e encarar a sua crise.

A virilidade, enfraquecida pela insuficiência corporal preconizada pelo ideal da tirania do look, pelas exigências sociais e psicológicas impostas ao “novo homem”, dentre outros fatores, trazem rebatimentos nos relacionamentos e caracterizam formas peculiares de sofrimento vividas por ele, diante das experiências amorosas.

O masculino na atualidade é, portanto, um gênero atrás de si mesmo, à medida que tantos mitos caem por terra. Quanto mais ele perde seus mitos, mais ele perde o reforço da sua estrutura hegemônica. O masculino, detentor da força e senhor das decisões, está cada dia mais cheio de temores. Sofre a fantasia da perda do seu cetro, do seu diferencial. Sendo os meninos, adestrado desde crianças, no aprendizado da defesa contra a passividade, surge nos tempos contemporâneos o medo de assumir posições de passividade. Poli (2007), no entanto, aponta que apropriar-se das insígnias fálicas implica também aceitar certa passividade, sem que isso signifique colocar-se na posição objeto, tal como é possível observar na seguinte afirmação:

A masculinidade propriamente dita será resultado da inscrição subjetiva da castração. Desse modo, podemos considerar que, assim como a feminilidade, ela também supõe uma operação psíquica que não está de todo determinada por uma teleologia psicosexual. Que o menino reconheça subjetivamente a falta do pênis na mulher – e em particular na mãe – comporta assumir o risco de perder também o seu; identificar-se ao pai e tomar-se ao encargo das insígnias fálicas implica também em aceitar certa passividade, sem com isso confundir-se com a posição objeto. (POLI, 2007, p. 283)

Em uma sociedade cujos direitos são regulados pelo mercado, calcada na ilusão de que “eu posso ser aquilo que eu bem desejo”, as experiências subjetivas de cada um parecem perder o sentido. Ora, a masculinidade não é algo da ordem do natural, senão não entraria em crise. Se há crise é porque

os fundamentos do masculino foram abalados pela história, pela vida e pelas transformações sociais.

Dessal (2009) é um dos autores que apontam que o sistema patriarcal - símbolo da referência e ordenação do laço entre homens e mulheres - sofreu grandes reveses ao designar um lugar preciso para cada sexo. Há uma palidez no ideário do que é ser homem. A fronteira entre homens - que ficavam no campo do universo da polis, do público e mulheres - que estavam no universo do privado - se esvai. Na cena contemporânea, o homem insere-se também na intimidade cotidiana do lar e a ele são atribuídos novos papéis. O campo de ação das mulheres, transportadas para o universo do público, provoca no homem novos desafios.

Conclusão

Observou-se que as construções míticas aqui ilustradas sobre o masculino mostram os aspectos simbólicos que perpassam a linguagem, sempre correlacionadas a épocas determinadas, que expressam os discursos sobre o humano, no que há de ambíguo e paradoxal interferindo nas relações sociais. A partir do relato de alguns mitos em contextos históricos da antiguidade, idade média, moderna e contemporânea, foi possível perceber que as construções sobre o masculino, seguem a prática social de cada época e reverberam nos horizontes subsequentes. Infere-se que ainda hoje é possível perceber fragmentos dos mitos antigos, nas expectativas, modos de vida, valores e padrões sócio-culturais do que é ser homem na sociedade ocidental.

Verificou-se que a experiência de constituição do homem enquanto homem dá-se nas vivências em que ele vai se apropriando de certa memória sobre si mesmo e construindo-se na relação com as pessoas com as quais ele interage. O masculino construiu seus mitos ao longo da trajetória histórica da civilização, que foram simbolicamente considerados como ícones de representação do ideal da masculinidade ao longo do tempo.

À luz das reflexões efetivadas nesse artigo, destaca-se que masculino e feminino são construções sociais interdependentes, mediadas por relações sociais, políticas, econômicas, ideológicas e culturais vividas na sociedade; que não se define o masculino e o feminino pelo órgão sexual, mas por uma posição ocupada pelo sujeito no laço social em que se insere e que a construção da subjetividade está vinculada à forma como essas relações são constituídas e gera posições específicas diante dos vínculos amorosos, muitas vezes ditando comportamentos e modos de ver a realidade.

Observou-se que a idéia do masculino se funda em símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas e mitos. No que tange ao masculino, percebeu-se que as sociedades criaram alguns mitos, visando articular regras de como organizar os valores, modos de vida e padrões sócio-culturais de acordo com os contextos sociais, políticos, econômicos, ideológicos e culturais de cada época.

Refletiu-se sobre alguns mitos criados pela sociedade ocidental que sustentaram a idéia do que é o masculino. Observou-se que eles seguem a prática social de cada época e resvalam-se para os horizontes históricos subsequentes, criando a oportunidade de se perceber que muitas expectativas inconscientes sobre o que é ser homem parecem relacionar-se, dentre outras coisas, a esses mitos.

O presente estudo revelou ainda, que não se trata de posicionar-se de acordo com o ideal de masculinidade de cada época, para ser homem, uma vez que não se nasce homem ou mulher, mas a sua construção é fruto de um processo e consequência de um percurso.

Diante de todas as pressões e imperativos de consumo da sociedade contemporânea o sujeito pode acabar tendo dificuldades de perceber a sua singularidade diante da homogeneidade na imposição de padrões da sociedade. Levando-se em conta que na contemporaneidade, os homens são desafiados a ocupar novas posições frente às próprias fragilidades, uma série de desafios a ele se impõe, diante da vida, do trabalho e do amor.

Nesse sentido, os homens estão sendo levados a repensar os seus limites, do ponto de vista dos direitos e das obrigações; suas necessidades individuais e as bases de sua própria identidade, abrindo-se espaço para a construção de novas formas de subjetivação.

Sobre o artigo

Recebido: 29/09/2013

Aceito: 08/06/2014

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, A. **Mito e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BADINTER, E. **XV: Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BRETON, L. D. O corpo como acessório da presença: notas sobre a obsolescência do Homem. **Revista Comunicação e Linguagens**, Lisboa: Relógio D'água Editores, 33, pp. 67-81, 2004.
- BRUGGER, W. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: EPU, 1977.
- DESSAL, G. Se Buscan Hombres. Interesados Presentarse en Cualquier Esquina. In: ELDAR, S. (org.). **Mujeres, una por una**. España: Colección ELP Editorial Gredos, 2009, pp. 25-36.
- FERNANDES, R. C. G. A Formação do Cavaleiro: perceval ou o conto do graal. **Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval**, 4, pp. 127-140, 2004.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- Jerusalinsky, A. **O Declínio do Império Patriarcal** – Universidade de São Paulo: Instituto de Psicologia, 2006.
- NOLASCO, S. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- OLIVEIRA, P. P. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- OLIVEIRA, A. E. F.; SILVA, J. A. B. Cervantes, autor de Dom Quixote de la Mancha (1605): Um Romance de Ruptura. **Revista dEsEnrEdoS**, Teresina – Piauí, ano III, número 10, pp. 1- 18, 2011.
- PESSOA, F. **Mensagens – Mestres da Literatura Contemporânea**. São Paulo: Editora Record, 1997.
- POLI, M. C. A medusa e o gozo: uma leitura da diferença sexual em psicanálise. **Ágora**, v.10, n.2, pp. 279-294, 2007.
- PRIOCE, M. D. **História do Amor no Brasil**. 3ª. Ed – São Paulo: Contexto, 2012.
- RIBEIRO, R. J. A Glória. In: RIBEIRO, R. J.; NOVAES, A. (org.) **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 116 - 127.

ROUSSELLE, A. **Pornéia. Sexualidade e Amor no Mundo Antigo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SILVA, F. C. F. O Masculino e o Padecimento Psíquico: uma leitura a partir da escuta na clínica psicanalítica contemporânea. 2010, 86 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – **Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: 2010.

SOUZA, A. A. T.; ROCHA, Z. J. B. No Princípio era o Mythos: articulações entre mito, psicanálise e linguagem. **Estudos de Psicologia**, 14(3), pp. 199-206, 2009.

TORRANO, J. **Teogonia – a origem dos deuses. Estudo e Tradução**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1995.

WHITMAN, W. **Folhas de Relva**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2005.